

COMPASSOS CHAVE: MÚSICA E SONS NAS MAIORES EMISSORAS DE TV EM QUATRO PAISES

Composição, manipulação, hegemonia imagens-som na retrospectiva de fim de ano "Globo repórter – Ano de guerra": Uma análise.

Leonardo Vincenzo Boccia

Descrição

Na composição e na manipulação sonora de programas e noticiários das maiores emissoras de TV em todo o mundo, memórias coletivas e negligências, casualidades e mesmo pastiches ou colagens emergem em várias culturas com elementos globais e trans-culturais. Contudo, para tecer uma trama de intersecções musicais que envolvam as imagens virtuais dos mais controvertidos eventos contemporâneos, é preciso ter suporte técnico adequado e um vasto reservatório de arquivos musicais nacionais e globais. Nem todas as emissoras de TV estão equipadas para editar trilhas sonoras e manipular as imagens estandardizadas e transnacionais com narrativas musicais que transitam do fundo para a "boca de cena" nos diversos níveis sensoriais da mídia de tela. Na maioria dos programas televisivos, essas reminiscências sonoras são sistematizadas e codificadas no sentido de melodias ou compassos "chave", conceito que abrange sons, melodias e estereótipos. O Brasil, liderança na América latina, tem uma das maiores estações de TV do mundo com uma significativa quota de exportação e, por seus altos índices de audiência, uma hegemônica influência nacional. Desde 1973, entre sua variada programação, a rede Globo de televisão produz o "Globo Repórter", que é hoje um dos mais importantes programas do jornalismo brasileiro. Originalmente, quando Walter Clark era o diretor geral da Globo, em 1967, com a colaboração de profissionais de cinema, foram produzidos os primeiros documentários que, mais tarde, dariam vida ao programa semanal de reportagens "Globo Repórter". Em um depoimento de 13.08.2001, Paulo Gil Soares, cineasta baiano e ex-diretor do "Globo Repórter", revela: "O 'Globo Repórter' tinha em sua equipe pessoas que haviam feito jornalismo, haviam feito cinema, alguns tinham livros publicados, todos foram ratos de cinemateca, todos tinham uma formação humanista acentuada, alguns haviam passado pelos centro de cultura popular da União Nacional de Estudantes, alguns tinham sido vítima da perseguição política da ditadura militar, tinham passado pela experiência da prisão política, todos acreditavam fortemente na cultura brasileira, portanto claro que se tinha uma ideologia e todos trabalham com isso também. "Em termos da ditadura militar nós tínhamos um programa forte e conceituado, era necessário experimentar todas as maneiras de burlar a censura. E aí a favor da Globo: quando a gente conseguia a Globo ficava feliz. Alguns chiavam. Mas havia uma alegria - preocupada, mas alegria". Esta tradição cinematográfica, as técnicas de edição música / imagens em movimento, suas intersecções e passagens de manipulação audiovisual continuam patentes no "Globo Repórter". Em sua edição de 26 de dezembro de 2003, retrospectiva de fim de ano que mostra, entre outros, o início da guerra no Iraque com o título "Ano de guerra", essa tendência é por demais evidente. Enquanto observamos sua estrutura constitutiva permeada de "espontânea" e experimentada habilidade técnica por parte da equipe do "Globo Repórter", comparamos o programa com sua contraparte chinesa

transmitida no mesmo mês de 2003 pela emissora ATV de Hong Kong onde, a ausência da música realça a crueldade dos estrondos das explosões daquela agressão militar e causa espanto. No caso específico do "Globo Repórter – Ano de guerra", a música atua em uma nova chave. Não apenas como uma narrativa autônoma mas como parte de uma grande rede de cores, sons, palavras e sentimentos globais. Nesse programa, podem-se perceber os sons e as melodias como protagonistas de uma narrativa épica que recria, no espaço virtual, um conto fabuloso das distantes "Mil e uma noites". Em uma Bagdá em chamas, as explosões são transformadas em escuros timbres de contrabaixo ou no metafórico bater de portas, símbolo da intransigência de Bush, mentor de uma guerra igualmente santa na qual a ilusão de converter o mundo torna-se o cúmulo do sagrado. Finalmente, o espectador vê a música como ritmo das imagens e inverte temerariamente os sentidos envolvidos na percepção dos fatos. Em um jogo veloz, sua atenção fica à mercê de um espetáculo que lhe reaviva íntimas memórias sonoro-visuais. O entrelace se dá entre imagens reais e citações melódicas que vão desde Mozart a canções populares de motivos árabes e indianos. Uma narração coerente concebida na edição e montagem preestabelecida onde não há improviso, mas a ágil seqüência de "quadros" fruto de decisões tomadas em convenções estandardizadas. Este tempo televisivo, distante do tempo real, abriga um espetáculo de narrativa fragmentada e aberta que atinge o interesse da grande audiência pronta a fruir do espetáculo e em uma característica predisposição psicológica. A análise e a descrição das estruturas psíco-formais deste programa-espetáculo passa pela observação do conjunto de *Stimuli* proporcionado pela forma que deriva da hibridação dos elementos rítmicos, sonoros, imagéticos e dos diversos *Tempi* envolvidos. No "Globo Repórter – Ano de guerra", as imagens são constantemente redimensionadas pela dinâmica do áudio que se dispõe em diversos ritmos e tonalidades para uma ambiência atemporal da narrativa visual. Há uma intensa polirritmia de intermídia visual e sonora que oferece um campo de observação e uma captação auditiva transcultural impossível de ser hierarquizada. O áudio reconstrói a narrativa visualística e toma para si uma fatia importante do espetáculo que agora se apresenta. Qualquer análise que desconsidere a incisiva manipulação sonora e a nova estrutura dinâmica que daí resulta estará longe de explicar os sentidos dessa complexa trama. A chave visualística se completa então pelos compassos chave; melodiosas citações (trans-) culturais de específicas tradições musicais onde o "trans" é também fisio-psicológico e global. Nessa retrospectiva de fim de ano, o único momento onde se transmitem imagens com sons diegéticos (emitidos pelas próprias cenas e pelos personagens que ali atuam) é o segmento que mostra o duo Gil/Hannan. O atual ministro da cultura do Brasil (Gilberto Gil) toca acompanhado por um desajeitado secretário geral da ONU (Koffi Hannan) que melancolicamente percute as peles das emblemáticas congas. Um encontro simbólico onde se procura amenizar as seqüências da tragédia em curso no Iraque. A música, em seu universo do indizível, é a conexão entre esperança e espanto e ameniza a dor, enquanto escorre das imagens para os ouvidos da audiência.

Sinestesia ou anestesia? Eis uma possível interface!

Na retrospectiva de fim de ano "Globo Repórter – Ano de guerra", a composição e edição som-imagens reordenam os fatos reais para uma ambiência anestesiada e de íntimo torpor. Um sutil recurso "poético" com a qual o programa mostra, de maneira eufemística, a brutal agressão de uma guerra contemporânea. Em um paradoxal reverso comunicativo, o impacto visualístico torna-se epítome virtual ainda mais distante do corpo real dos acontecimentos. A música e os diversos efeitos sonoros se organizam em uma paisagem fantasiosa que descreve a crueldade desse controverso conflito. As imagens da noite de 20 de março de 2003, quando Bagdá foi alvo dos violentos ataques, tornam-se quadros de um objeto estético, um filme de curta duração tramado para atingir a copiosa audiência brasileira e formar sua opinião. Por meio de citações melodiosas e efeitos de *fades* entre ruídos e timbres instrumentais, o programa ameniza a crua ambiência da guerra. São citações musicais étnicas, clássicas e populares que envolvem o visual dos intensos ataques mitigando a recepção das explosões e suas correlativas informações. Além disto, após diversas horas ouvindo os segmentos de áudio do programa, para transcrever os motivos em partitura musical, algo incrível emerge entre sons, música e texto; em resposta à pergunta do apresentador do programa (Sergio Chapelin): "Saddam Hussein tem ou não as armas proibidas"? Uma outra voz masculina sussurra entre os acordes e sobre o tempo fraco do segundo compasso, "Tem"!

É esta uma mensagem subliminal para moldar opiniões? Ou um erro de edição? É este programa um espetáculo musical que traz alucinações auditivas, fruto da hibridização de mais gêneros? Ou um objeto estético que usa sentidos espetaculares para captar a atenção da audiência? Notável parcela de audiência, diga-se de passagem, que a rede Globo ainda detém nesses horários "nobres". (...)

Em sua contraparte chinesa transmitida no mesmo mês do mesmo ano pela ATV de Hong Kong, o acompanhamento musical não está presente. Apenas sons diegéticos, emitidos pelos próprios acontecimentos televisicionados, descrevem os fatos e a informação é transmitida sem nenhum tipo de suporte "poético". A narrativa é a confusão generalizada nas ruas de Bagdá e as bombas; ninguém está a salvo pela música. Apenas nos fones de ouvido dos soldados norte-americanos toca uma canção *hardcore* e seus sons estrídulos envolvem todos seus nervos para lhe dar coragem que é para seguir em frente e atirar em qualquer coisa que se mova.

Mas, segundo McLuhan, a imagem da televisão pouco tem em comum com o filme ou a fotografia, a TV visualmente proporciona baixo teor de informação, a imagem do filme apresenta muitos milhões mais de dados por segundo, e o espectador não tem de reduzi-los drasticamente para formar sua impressão. (...) Na TV, a ilusão da terceira dimensão é sugerida de leve pelo cenário do estúdio; mas a sua imagem, propriamente, é um mosaico plano, bidimensional. (McLuhan, 2003: 351-352) Contudo, as inovações tecnológicas que beneficiaram a TV; os recursos oferecidos pela "tela verde", os cenários virtuais, a tela plana e a digitalização das imagens redefiniram o conceito do teor informativo da televisão. O som digitalizado, assim como para as imagens, transformado em cálculos de complexos algoritmos permite hoje não apenas a exata sincronização dos meios, mas igualmente sua equalização "ideal", ou melhor, um avanço efetivo na montagem e na edição das diferentes mídias. Sem falar da técnica de compressão que reduz o tamanho dos arquivos de imagens (MPEG) e sons

(MP3) comprimindo-os para tamanhos bem menores que o original. Desta forma, torna-se possível disponibilizar e transferir inteiros programas televisivos da Internet para o HD ou fazer uma cópia em CD ou DVD proporcionando o intercâmbio global e as melhorias nos estudos comparativos entre as diversas emissoras de TV em todo o mundo. A observação de intersecções entre planos: primeiro, intermediário e plano de fundo, que determinam a profusão dinâmica dos meios envolvidos, se torna instrumento fundamental para a composição e manipulação dos programas de TV onde a música determina uma ambiência diferenciada e transformadora. Todavia, as observações referentes a "compassos chave" e citações melódicas deste programa de retrospectiva de fim de ano da rede Globo de televisão, que pretendem determinar o grau de impacto das manipulações multimídia e transculturais, não se baseiam unicamente em conceitos estéticos. Não podemos perder de vista que: O detalhamento das partes que apresento a seguir é fruto de uma (re-) visão-audição obstinada realizada pela repetição de todas as seqüências de corte e seus segmentos de áudio acoplados às imagens do programa em seus ritmos diversos. A audiência em geral raramente assiste ao programa uma segunda vez. No entanto, a poética visualística-musical atinge em sua forma estandardizada cada espectador e, ao mesmo tempo, em uma (re-) apresentação que envia mensagens novas toca intensamente o subconsciente coletivo. Esses acontecimentos causam receios ou pensamentos confusos, satisfação ou indiferença, mas, enquanto assiste "passivamente", o público desaparece-se da maioria das insinuações encravadas na transmissão. A elicitação dos estados afetivos é, sem dúvida, um ponto crucial que mira ao âmago da audiência. E, uma questão de tempo pode ser a única diferença entre perceber e agir.

A tirania da música na mídia de tela

A música é certamente uma mídia insidiosa que atinge o corpo mesmo distante da fonte emissora. Por este motivo, em alguns países a música não é bem vinda em locais públicos, centros de compras e supermercados e mesmo em noticiários de televisão. É, entretanto, um meio fundamental que acompanha as imagens em movimento e, na maioria dos casos, quando falta, percebe-se seu mérito e influência. No Brasil, a música parece ter um valor ainda maior. Jamais evitada e, ao contrário, ostentada por toda à parte, esta lúdica e "invisível" forma de comunicação tem raízes profundas que vão desde os rituais indígenas às diversas manifestações populares, passa pelo "teatro de revista" do início do século passado aos mega espetáculos de cantores e bandas famosas da atualidade e assume caráter ontológico nos alto-falantes dos trios elétricos e nos automóveis dotados de equipamentos potentes e sofisticados o suficiente para preencher com altos níveis de decibéis espaços abertos e praças inteiras. Mas, a música é igualmente usada com interesses diversos e nem sempre se configura como fruto da Arte. Desde a antiga Grécia que as restrições de Platão para com certos modos musicais na educação dos jovens chamava atenção pela força transformadora com que o sentido dessas narrativas musicais poderia atingir ouvintes e praticantes. Em uma época mais próxima da nossa vale o exemplo da música de Richard Wagner. Sua idéia de cromáticas seqüências

envolvendo elucubrações míticas de primitivos tempos germânicos desperta o deus do êxtase e alcança graus de tão inebriantes de insensatez. Penetrante e insidiosa, a música alcança profundamente o sentimento humano, torna-se companheira e cúmplice e ao mesmo tempo influi nos humores que escorrem em nosso corpo. Com este propósito é também usada nos conflitos contemporâneos onde, nos fones de ouvido dos soldados norte-americanos, se apresenta como sustento à valentia, agressão e morte. Estamos diante de uma mídia importante, preferida para manipular e convencer e, muitas vezes, a serviço do poder político e militar. Mesmo em sua veste mais "nobre", destinada a rituais religiosos, entretenimento ou à educação, as implicações de dúbios interesses podem igualmente corromper a idéia da música como arte do sensível. O uso ruinoso de melodias e obras musicais em locais públicos, transmissões de TV, filmes e espetáculos, manifestações de rua, etc. podem estar sustentando unicamente interesses eleitoreiros e comerciais e, neste sentido, manipula continua e sistematicamente as opiniões de uma recepção passiva e priva de espírito crítico. Portanto, a análise dos que chamamos aqui de "Key measures" (compassos chave), projeto de pesquisa do Programa Multidisciplinar em Cultura e Sociedade da Universidade Federal da Bahia em cooperação com o projeto "Key visuals" da Escola de Humanidades e Ciências Sociais da Universidade Internacional de Bremen, é parte fundamental da busca por uma codificação e entendimento do mundo imagético e acústico virtual transmitido pelas maiores emissoras de TV em quatro países nos últimos cinquenta anos. Mas, muito além dos efeitos desastroso que o uso da música ou pastiches sonoros aplicados às programações de TV podem causar, estamos também interessados em estudar e comparar os efeitos favoráveis desta hibridação. O programa que tomamos como exemplo para uma análise pode estar comunicando de forma mais incisiva e profunda os acontecimentos dessa tragédia bélica da atualidade. Justamente pelo veículo sensibilizador da música e das citações melodiosas os ouvintes podem estar sendo preparados para receber eventos desastrosos mediante uma carga trágica "verdadeira". Certamente, o programa "Globo Repórter – Ano de guerra" ostenta profissionalismo na montagem do áudio com as imagens e o que, em primeira instância, pode parecer nocivo, assume logo adiante um caráter familiar para uma audiência solidária e musicalmente sensibilizada. Por tudo isto, nenhuma das análises a seguir será ainda conclusiva e muito menos excludente, estamos interessados na diversidade modal do uso da música com as imagens em movimento. Mesmo a mais espontânea seleção, montagem e edição do programa pode estar comunicando e incentivando uma nova forma de recepção. O caráter anestésico a que me referia em antagônica concorrência com a percepção sinestésica pode estar preparando os corpos dessa expressiva cota de audiência brasileira para uma operação muito mais dolorosa que deixará marcas e cicatrizes profundas. Mais uma vez, a música a serviço de interesses diversos nem sempre conscientes ou premeditados, mas sem dúvida voltados para atingir o maior número de pessoas em todo o vasto território nacional. Enquanto isso, a retrospectiva de fim de ano 2003 da ATV de Hong Kong se apresenta espoliada de todo e qualquer citação "poético-musical", o ruído ensurdecido das explosões amedronta a audiência com a verdadeira face da guerra. Contudo, isto não representa o único fator decisivo na comunicação dos eventos transmitidos. Se tivessem feito uso da música, que tipo de sons e melodias seriam

escolhidos na edição do programa da ATV e que idéias específicas daquela cultura seriam narradas pela seleção das citações musicais desse bloco da retrospectiva? Ou seria mais sensato pensar que no futuro todos os programas televisivos que reportem cenas de guerra serão necessariamente censurados e privados de elementos musicais ou qualquer outro tipo de manipulação sonora? O espetáculo não pode parar! Nas sociedades onde dominam os meios de produção, a tecnologia, a representação virtual as mídias continuarão a experimentar o amálgama das hibridações. Esta *Weltanschauung* que prioriza o virtual ao real encontra na música um aliado tradicionalmente prestigioso que, de fato, realiza os maiores truques de ilusionismo e eleva o espetáculo a níveis de êxtase prazerosos. Nesta época de domínio tecnológico que, após todas as fases históricas da produção som e imagens, desde a revolução eletrônica com a criação das transmissões de rádio na década de 1920, percebe-se que a marca de uma nova era das comunicações atinge profundamente a imaginação e, o que imaginamos nem sempre se confirma. Estaremos sendo levados para o inexistente? Será a música transformada em instrumento de convencimento e renúncia? Ou temos nela uma aliada para reflexões criativas e ativas de nossa participação no mundo virtual? Sabe-se que, a serviço dos interesses mais disparelhos, a música realizou, em outros tempos, grandes façanhas. Em uma época onde se apreciava sua viva *Gestalt* nas mais diversas formas de narrativa e os espetáculos se realizavam especialmente nas salas de teatros e de concerto. Em sua veste atual, digitalizada e privada de ruídos, a música gravada ostenta um semblante novo, perfeito e por vezes estéril, mas possante. Todavia, o elemento físico e humano que se percebe em abalos, excitações, descuidos, acentuações; o corpo dinâmico do instrumentista pouco se revela nos arquivos digitalizados. Esta característica, friamente calculada e demasiadamente ordenada, pode equipar a música da armadura que lhe faltava para tornar-se, junto à poética visualística, a mídia mais poderosa dos próximos tempos.

Instrumentos para a análise

Numerosos e contrastantes são os meios que se revelam na observação das formas que se constituem na composição desse espetáculo televisivo de clara preocupação estético-comercial. O caráter visualístico do programa se completa por uma bricolagem auditiva de concepção rítmica diversa e fragmentada por vários cortes. Pela característica multidisciplinar do estudo em curso, o uso desses instrumentos de análise pode tornar-se confuso ou, pelo menos, muito delicado, mas sua aplicação propõe critérios de observação, audição e reflexão úteis para a reconstituição da mensagem e dos elementos transculturais adotados pelo programa. Certamente, os procedimentos desta análise se voltam para um discurso extremamente recente e ainda em fase de estruturação. Enquanto utiliza-se de critérios da análise estética convencional, esta busca, contém igualmente pontos de observação inéditos e diretamente ligados ao ângulo de uma percepção interseccional das linguagens na mídia de tela. As combinações e os estereótipos que daí derivam se (re-)ordenam em variadas seqüências que consentem ao interessado codificar de forma específica o programa. Mas, também revelam um panorama comprometido com a totalidade das mídias envolvidas na reconstrução de um objeto espetacular.

Alguns critérios básicos

1. Formato do programa
 - ✓ Gênero;
 - ✓ Elementos que o compõem;
 - ✓ Seqüências de imagens, texto e som;
 - ✓ Diversidade entre tipos;
 - ✓ *Tempi* e polirritmia;
 - ✓ Efeitos de manipulação.
2. Sistemas e temas envolvidos
 - ✓ Narrativa textual;
 - Visualística;
 - Sonora e musical;
 - ✓ Gêneros de narrativas;
 - ✓ Virtual, épico, real;
 - ✓ Espaço e tempo televisional.
3. Leitura dos motivos
 - ✓ Transcrição em partitura;
 - ✓ Rítmica de cortes;
 - ✓ Rítmica de texto-imagem-som;
 - ✓ Tonalidades e modos;
 - ✓ Diegético ou extradiegético;
 - ✓ Timbres e formação instrumental;
 - ✓ Gêneros musicais envolvidos.
4. Proporções entre mídias
 - ✓ Relação com o texto;
 - ✓ Funções da música;
 - ✓ Estrutura geral de cortes;
 - ✓ Relação entre planos;
 - ✓ *Stimuli*.

O bloco do programa "Globo Repórter - Ano de guerra" faz parte de uma retrospectiva de fim de ano de 2003 cuja duração total é de 1 h. 13 min. 42 sec. Um gênero de jornalismo que reporta os principais fatos ocorridos durante o ano. Desse programa, a rede Globo de televisão dedica ao tema do início da guerra no Iraque 5 min. 58 sec. O bloco adquire um caráter de espetáculo musicado que envolve gêneros musicais de cultura específica. São canções de etnias diversas, citações de música clássica e rock, além de efeitos sonoros que (re-) ordenam as imagens em movimento e coloram a voz do apresentador. O "Ano de guerra" é precedido por uma introdução panorâmica acompanhada pelo tema musical principal (*title theme*) do programa. Sérgio Chapelin resume os temas que serão transmitidos naquela noite. Segue um primeiro bloco sobre política nacional; Programas de governo, presidente e ministros; Invasões e demonstrações políticas. Um segundo bloco de temas esportivos e um terceiro com curtos temas diversos de diferente teor. Por sua vez, após 17 minutos de programa e

mais alguns minutos de seus respectivos comerciais se dá início ao bloco que trata da guerra no Iraque.

Sua contraparte, a retrospectiva chinesa da ATV de Hong Kong, se apresenta em duas partes distintas: 1) Uma retrospectiva internacional de 21 min. 7 sec.; 2) uma retrospectiva doméstica ou nacional de 33 min. 24 sec. Da retrospectiva internacional, 1/3 é dedicado ao conflito no Iraque. O programa inicia com uma introdução feita por um casal de jovens jornalistas e acompanhada pelo tema principal da retrospectiva e logo se transmitem as imagens da guerra no Iraque. Na sequência o programa mostra imagens do conflito Israel x Palestina; Epidemia da gripe do frango na China; A explosão do Columbia e morte da tripulação; Black-out in New York; Calor e morte na Europa e diversos incêndios; Terremoto no Japão; A eleição do governador da Califórnia Arnold Swartzenneger. O programa termina com um resumo das imagens acompanhadas pelo tema musical título. Além da guerra no Iraque, os mesmos temas apresentados pela ATV são igualmente encontrados na retrospectiva de fim de ano da rede Globo de televisão. No formato da retrospectiva internacional da ATV, um detalhe chama atenção: A música de acompanhamento está presente em alguns blocos, mas completamente ausente em outros, como é o caso do que mostra o conflito no Iraque. Por outro lado, a retrospectiva doméstica da ATV se concentra em temas nacionais da política. É apresentado por duas jovens jornalistas e mostra reportagens sobre: Epidemia da gripe do frango; Eleições em Hong Kong; Cenas da cidade à noite; Imagens do astronauta chinês de volta à terra; Resgate das vítimas de um acidente de ônibus e outros temas daquele país. A música que oscila entre temas de rock, música de piano solo, clássico orquestral e canções atuais em língua chinesa, têm sequências interrompidas sendo que em alguns blocos não há música alguma. As imagens sem músicas se referem a políticos; Polícia e gente demonstrando nas ruas; Cenas em hospitais e farmácias; Condições precárias de higiene. A retrospectiva doméstica também se encerra com um resumo das imagens dos temas transmitidos e o tema musical principal. No programa de retrospectiva da ATV nota-se maior qualidade tecnológica na edição imagens-música. Os arquivos sonoros são escolhidos segundo o grau de compatibilidade digital com as imagens. Há um perceptível e refinado trabalho técnico de edição que reporta o nível entre as mídias para uma aproximação tecnológica priva de erros e defasagens. No entanto, esta comparação com o bloco das imagens que se refere à guerra no Iraque não será realizada tendo como parâmetro principal a música. A ausência dela e, portanto, o silêncio rompido pelos estrondos das bombas e das explosões nas ruas de Bagdá, contrasta com a trilha sonora que o "Globo Repórter" propõe para o bloco "Ano de guerra" e será um dos critérios de avaliação. Uma obrigação ética ou necessidade estética? Por que a emissora ATV exclui a música em certos segmentos ou inteiros blocos? Ou, qual a razão de se editar uma trilha sonora abrangente, qual é o motivo de tal escolha? O que, de fato, nos interessa, é se o acompanhamento musical no "Globo Repórter - Ano de guerra" exerce um poder manipulador, eufemístico ou se é, em seu conceito, uma mera questão estética para popularizar as imagens de um conflito distante e sem grande apelo nacional. Neste caso, a música será usada novamente na intenção de atrair toda a atenção possível e, sobretudo dos que se encontram distantes da televisão e reportá-los para a tela, onde um espetáculo, um vídeo clipe ou mesmo um conto épico musicado vai provocar surpresa e curiosidade e manter altíssimos os níveis


nacionais de audiência; indicador atraente e compensador para os investidores e para a própria emissora. A comparação, portanto, torna-se o núcleo fundamental das especulações, especialmente quando se articula entre diferentes tipos de apresentação de um mesmo gênero de programa televisivo. Tentarei, a seguir, sintetizar a ocorrência de discursos diferentes, combinados de forma aleatória, mas, que sugerem vínculos comuns fundados em estandardizações, e memórias coletivas visuais e sonoras que nos aproximam, como seres habitantes do mesmo planeta, para o desejo dominante de plenitude. As mídias e suas fusões híbridas abrem os portões das inexpugnáveis muralhas que tanto nos separam. Nas palavras de Canclini: "A hibridez tem um longo trajeto nas culturas latino-americanas". (Canclini, 2003: 326) Essas intersecções que estão à base do projeto criativo da reconstrução de ágeis modelos midiáticos de comunicação encontram na Arte o terreno fértil e fecundam em novos objetos estéticos, às vezes, de formas grotescas e traços originais. Mas o grotesco também é preciso. Na velocidade em que criamos programas televisivos cuja preocupação principal é atingir o maior nível de audiência, modelos estereotipados são reproduzidos à exaustão e, nessa (re)-composição de programas padrão os amalgamas não resistem a ritmos lentos. O tempo empurra o andamento para níveis de aceleração máxima e não há como se revisar ou refinar transmissões periódicas num sentido "artístico" da palavra. Essas novas formas de espetáculo na TV assumem aspectos caricatos e abertos a críticas e escárnios. Em atitudes repentinas que surgem de um inconsciente "onisciente" e global e que, portanto carregam características de um senso comum, as equipes editam programas e utilizam a música para descrever clipes de catástrofes e tragédias com uma retórica contraditória. Essa intuição que ampara as decisões sérias ou burlescas das profundas memórias coletivas, não é uma infalível "Verdade instintiva" e os programas tornam-se recipientes de estranhos objetos de conteúdo paradoxal. Em um programa de auditório ao vivo, por exemplo, o tema título de "E o vento levou" (1939) foi escolhido por uma emissora italiana para descrever, em música, as catastróficas imagens da queda das Torres Gêmeas em 11 de setembro. Assim como para o "Globo Repórter" de 1º de abril de 2005, as imagens de saudade e dor da ex-namorada do representante da ONU, Sérgio Viera de Mello, por ela ser argentina, são regadas ao som de um bom tango. A música, em seu contexto original, cumpre sua função assim como em sua descontextualização torna-se epítome do grotesco. Mas, "Grotesco é aí, propriamente, a sensibilidade espontânea de uma forma de vida. É algo que ameaça continuamente qualquer representação (escrita, visual) ou comportamento marcado pela excessiva idealização. Pelo ridículo ou pela estranheza, pode fazer descer ao chão tudo aquilo que a idéia eleva alto demais". (Sodré e Paiva, 2002: 39) Nas próximas páginas, farei um mapa sequencial do programa de retrospectiva de fim de ano, "Globo Repórter – Ano de guerra".

Estrutura constitutiva de "Ano de guerra"


Introdução

{	i	Text	<p><i>Bagdá em chamas, bombas, explosões, noites de pânico numa terra que já foi cenário de sonhos.</i></p>	T.ii.	<p>Atmosfera de conto épico: "Noite de pânico / cenário de sonhos".</p>
		Img	<p>Cenário virtual: Duas telas mostram as imagens de explosões. Um único Apresentador (Sérgio Chapelin)</p>	I.ii.	<p>Cenário virtual com ambiência de teatro arena. Em cores verde, azul, cinza. Em dois telões se antecipam imagens da reportagem.</p>
		Mus	<p>Tema título: Cordas e coro em Re menor / Sol menor. Andamento: MM = 100. Ritmo regular e obstinado. Duração: 0:00: 09229</p>	M.ii.	<p>Tema título da retrospectiva: "Globo Repórter": Tempo quaternário; Figuras em semicolcheias regulares; Andamento agitado.</p>

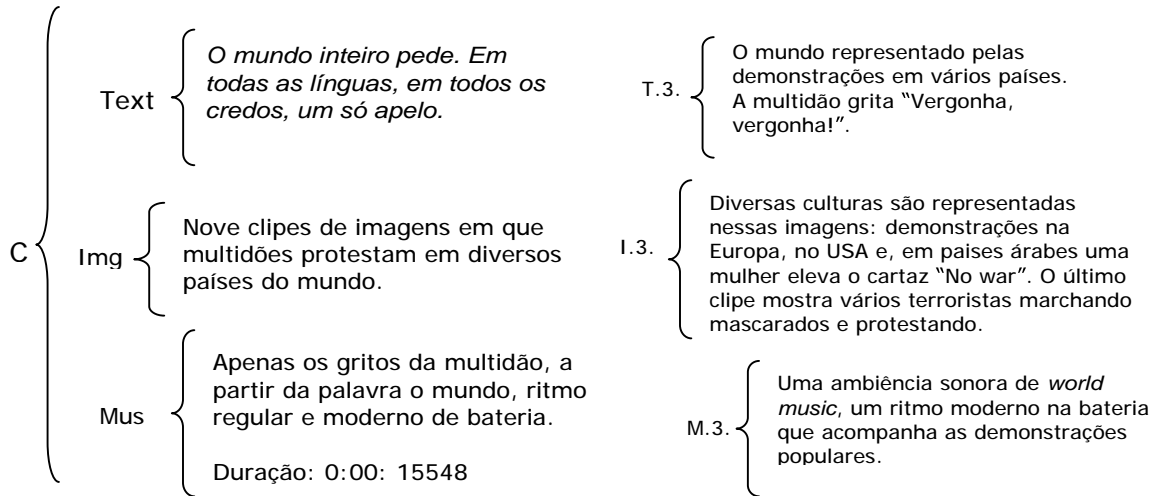
Seção 1ª

{	A	Text	<p><i>Imagens assustadoras. Nem parecem reais. Vivemos este ano a primeira grande guerra deste século. Ao vivo, com todas as cores. Como chegamos a isto?</i></p>	T.1.	<p>"Nem parecem reais". Uma alusão ao caráter fantasmagórico das explosões sobre uma cidade importante na História da humanidade.</p>
		Img	<p>Cinco cliques de imagens mostram explosões sobre Bagdá: Um blindado; Bush e Blair chegando para um comunicado oficial.</p>	I.1.	<p>As seqüências de corte estão em ritmo de tempo decrescente. As primeiras mais extensas têm cerca de sete segundos, as últimas cerca de três segundos.</p>
		Mus	<p>Efeito de <i>Fade</i> nas explosões de bombas que são transformadas em notas de baixo Re#, Fá#. Duração: 0:00: 34345</p>	M.1.	<p>Re# menor em uma ambiência triste e escura. Construções melódico-textuais de um conto épico.</p> 

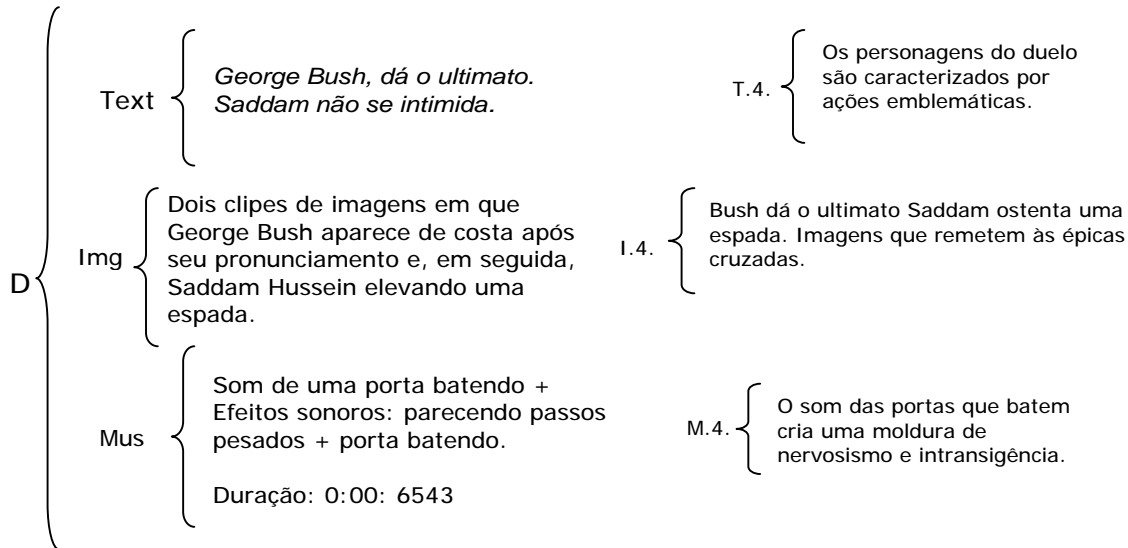
Seção 2ª

{	B	Text	<p><i>Janeiro, o mundo se pergunta: Saddam Hussein tem ou não as armas proibidas? Inspectores da ONU vasculham o Iraque. A guerra ainda é diplomática.</i></p>	T.2.	<p>No final da pergunta: "Saddam Hussein tem ou não as armas proibidas?" Alguém sussurra no segundo tempo do segundo compasso: "Tem!"</p>
		Img	<p>Quinze cliques de imagens: Reunião da ONU discute guerra; Saddam sorrindo; Carros da ONU e inspetores; Armas; Bush e Blair, Chirac e Schröder; Soldados e armas.</p>	I.2.	<p>Umás rápidas seqüências de imagens. No momento em que se mostra Saddam sorrindo alguém sussurra "Tem!"</p>
		Mus	<p>W. A. Mozart – Sinfonia em sol menor KV 183 - Compassos: 97-109</p>  <p>Duração: 0:00: 19385</p>		

Seção 3ª



Seção 4ª



Seção 5ª




Seção 6ª

F	Text	<p><i>Em Washington, câmeras mostram Bush penteando o cabelo antes do anúncio oficial:</i></p>	T.6.	<p>Uma senhora penteia os cabelos do presidente norte-americano antes do anúncio. Clima de preocupação com o aspecto visual de Bush.</p>
	Img	<p>Quatro cliques de imagens: Bush sendo penteado; Uma explosão; Bush dando um depoimento.</p>	I.6.	<p>Alternam-se imagens da Casa Branca e das bombas que caem sobre Bagdá, O som das bombas é transformado com efeitos de <i>fade</i>.</p>
	Mus	<p>Efeito de <i>Fade</i> nos sons das bombas que se transformam em notas graves de baixo Ré / Mib / Fá. Duração: 0:00: 10698</p>	M.6.	<p>Técnica usada para diminuir o impacto das explosões e moldar a ambiência sonora.</p>

Seção 7ª

G	Text	<p><i>"Não vamos aceitar nenhum resultado que não seja a vitória".</i></p>	T.7.	<p>Comunicado oficial em tom austero.</p>
	Img	<p>Três cliques de imagens, 1) Um míssil sendo lançado do porta-aviões; 2) Bush dando o depoimento; 3) Uma bomba explodindo sobre Bagdá.</p>	I.7.	<p>O míssil e a explosão recebem o emblemático ruído de uma porta que bate com violência.</p>
	Mus	<p>Nenhuma citação melódica, apenas o som de uma porta que bate, segue a voz de Bush e mais uma porta batendo. Duração: 0:00: 10181</p>	M.7.	<p>Mais uma vez o símbolo da intransigência acentuado pelo efeito de portas que batem, enquanto as imagens mostram explosões.</p>

Seção 8ª

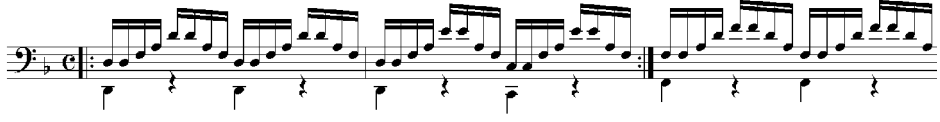
H	Text	<p><i>Guerra explicita, como nunca havíamos visto. A Operação Choque e Espanto foi o ataque mais devastador da guerra. A coalizão promete precisão cirúrgica, tenta poupar os civis. Mas guerra é guerra. Nem modernas armas garantem uma operação sem dor.</i></p>	T.8.	<p>Considerações sobre o ataque "cirúrgico" que atinge os civis, ferindo e matando mulheres e crianças.</p>
	Img	<p>Nove cliques de imagens que mostram explosões sobre Bagdá em chamas; Ruínas após os ataques, Crianças e mães gravemente feridas.</p>	I.8.	<p>Bagdá é seriamente atingida. Imagens e texto se combinam a música realça o ambiente de tristeza e dor.</p>
	Mus	<p> Tonalidade: Ré menor; Timbre de cordas; Andamento moderato. Duração: 0:00: 29570</p>		

Seção 9ª

I

Text { *As tropas avançam. O deserto é hostil. Os soldados de Saddam oferecem pouca resistência. Soldados americanos são capturados. Em meio à guerra de imagens, os Estados Unidos resgatam seus prisioneiros. Jessica Lynch é a primeira.* T.9. { O texto narra a sequência das imagens no ritmo e sequência de corte.

Img { Treze cliques de imagens em que tanques e soldados Norte-americanos avançam; Prisioneiros iraquianos e americanos perplexos e no final Jessica Lynch deitadas em uma maca. I.9. { Soldados Norte-americanos fortemente armados e bem equipados; soldados iraquianos prisioneiros e sem uniformes. Imagens verdes de raios infravermelhos para tomadas noturnas.

Mus {  Mais uma vez a tonalidade de Ré menor. Desta vez, em andamento veloz e figuras em semicolcheias. Duração: 0:00: 23887

Seção 10ª

J


Text { *A aproximação entre vencidos e vencedores não é fácil. Soldados americanos se ajoelham, prometem respeitar as mesquitas, trocam gestos de simpatia e ajudam a destruir a imagem do ditador. Frágil vitória.* T.10. { A voz do apresentador entra no quarto tempo do primeiro compasso, assim, como uma anacrusse e narra as imagens no ritmo em que elas se apresentam.

Img { Onze cliques de imagens que mostram: Soldados se ajoelhando e trocando gestos de simpatia; e demolindo o monumento a Saddam Hussein. I.10. { Os cliques se apresentam em ritmo regular com a voz e as imagens são de recuo e tolerância.

Mus {  Modo Frigio de Ré maior, uma modalidade sensual aplicada a imagens dos soldados norte-americanos que se ajoelham perante as mesquitas. Duração: 0:00: 28961

Seção 11ª

K

Text { *A luta contra o terror se transforma em uma guerra sem fim. Sabotagens, atentados, inimigos sem cara, atacam alvos improváveis. Explosão sob a janela do representante da ONU no Iraque.* T.11. { Entre as palavras do texto ouvem-se confusos efeitos de som e uma curta escala. 

Img { Nove cliques de imagens que mostram os atentados nas ruas de Bagdá e o atentado à sede da ONU onde morre Sérgio Vieira de Mello. I.11. { O terror toma conta das ruas de Bagdá. Uma jovem, colega e companheira de Sérgio Vieira de Mello aparece desesperada tentando falar com o companheiro agonizante.

Mus { Efeitos confusos, às vezes, talvez, sons diegéticos. Uma escala musical e tocada rapidamente por um instrumento de cordas, tipo violoncelo. Duração: 0:00: 29326

Seção 12ª

L

Text { *Morre Sérgio Vieira de Mello. O mundo fica perplexo e homenageia o brasileiro com honras de herói.* T.12. { O delegado brasileiro da ONU em Bagdá sofre um atentado e morre debaixo dos escombros.

Img { Cinco cliques de imagens em que a bandeira da ONU está entre nuvem de fumaça; Sérgio Vieira de Mello está sorrindo, e ainda o funeral e o luto que se abate sobre a ONU. I.12. { O símbolo da bandeira da ONU ofuscado pela fumaça do atentado. O sorriso de quem já morreu. O luto na sede da ONU em New York.

Mus {  Uma séria e dolorosa tonalidade de Sol menor marcam a ambiência de uma tragédia. Timbres de cordas timbres de cordas e o solo de uma nostálgica melodia árabe.
Duração: 0:00: 14481

Seção 13ª

M

Text { *A dor se traduz em mensagem de paz.* T.13. { A dor é expressa na união de Gil e Hannan. Emblemáticas personagens em busca da paz.

Img { Sete cliques de imagens. A sede da ONU; Hannan sentado nas congas e Gil em pé tocando guitarra. O público presente aplaude; sorrisos e satisfação de Gil. I.13. { As imagens transmitem tristeza e saudade. A ação reforça o sentimento de desolação.


Mus { Koffi Hanan e Gilberto Gil tocam juntos. Música e sons diegéticos. Lá e Sol Major para uma improvisação modal, no fundo um padrão rítmico brasileiro. M.13 { Único segmento onde se ouve o som e a ambiência real dos acontecimentos.
Duração: 0:00: 16120

Seção 14ª

N

Text { *Mas o terror não dá trégua e atinge a Cruz Vermelha, em Bagdá; ataca os Carabinieri, deixando a Itália de luto e não poupa os militares espanhóis.* T.14. { O apresentador segue o ritmo de corte dos cliques e acentua a atmosfera de desolação e luto.

Img { Sete cliques de imagens. Fogos nas ruas de Bagdá; Uma jovem chorando; Ambulâncias; Enterros na Itália e na Espanha. I.14. { Imagens da ruína de atentados terroristas; A população perplexa; O choro de uma jovem mulher.

Mus {  Si menor em uma melancólica atmosfera e repetitivas ondas métricas.
Duração: 0:00: 18178

Seção 15ª

O

Text	<p><i>O mundo se pergunta: quem são os vencedores? Tropas exaustas. Iraquianos reclamam da falta de governo.</i></p>	T.15.	<p>A narrativa alude ao cansaço de uma guerra sem vencedores.</p>
Img	<p>Sete cliques de imagens em que estão: Um blindado; Uma jovem mulher; Um jovem soldado norte-americano; Pessoas protestando.</p>	I.15.	<p>O rosto plácido de uma jovem mulher e o cansaço estampado no rosto de um jovem soldado norte-americano.</p>
Mus	 <p>Timbre de cordas em Dó menor em uma ambiência cheia de lamentação. Ao final desta seção, vozes de gente protestando. Duração: 0:00: 17783</p>		


Seção 16ª

P

Text	<p><i>As armas de Saddam não são encontradas. Os motivos da guerra são questionados. Tony Blair, e George Bush perdem popularidade.</i></p>	T.16.	<p>As armas proibidas, motivo para a invasão não são encontradas. Blair e Bush se tornam alvo de críticas.</p>
Img	<p>Sete cliques de imagens mostrando soldados norte-americanos na busca em residências. Tony Blair em Londres e Bush com o peru entre os soldados.</p>	I.16.	<p>Imagens de buscas por armas. Imagens das ruas de Londres e um boneco de Blair com nariz comprido, Bush carrega uma bandeja com o peru de Natal.</p>
Mus	<p>Efeitos de som sobre uma rítmica seqüência de baixo elétrico Lá b / Si b / Mi b. Ao final o ruído de uma porta batendo.</p> <p>Duração: 0:00: 13281</p>	M.16	<p>No baixo elétrico, um motivo simples e de ritmo repetitivo acompanha as imagens.</p>

Seção 17ª

Q

Text	<p><i>Mas o inesperado acontece: Saddam Hussein é encontrado vivo, escondido em um buraco. Ele se entrega, sem resistência.</i></p>	T.17.	<p>O grande ditador arruinado e doente é examinado por um soldado norte-americano.</p>
Img	<p>Quatro cliques de imagens que se referem ao ditador foragido e encontrado em um buraco.</p>	I.17.	<p>Saddam Hussein, cabelos e barba compridos, cansado e humilhado.</p>
Mus	<p>Duas citações melódicas caracterizam a desolação do ex-ditador.</p> <p>Duração: 0:00: 11781</p>		

Seção 18ª

R


Text {
Começa o novo capítulo da guerra.
O que vai acontecer no Iraque a partir de agora? O que o mundo fará com o ditador capturado?

Img {
Cinco cliques de imagens em que soldados norte-americanos posam para foto e comemoram a invasão; Um menino sentado sobre ruínas. A foto do rosto sem barba e desolado de Saddam Hussein.

Mus {
A mesma melodia da primeira seção, timbres escuros e graves de baixo elétrico; Re# menor em uma ambiência cheia de tristeza. A voz do cantor marca a última imagem congelada.

T.17. {
Palavras finais que deixam dúvidas e questionamentos.

I.17. {
Saddam Hussein, cabelos e barba compridos, cansado e humilhado.



Duração: 0:00: 21347

Algumas peculiaridades

"Globo Reporte – Ano de Guerra" 26 de dezembro de 2003.	Retrospectiva ATV China 03 de dezembro de 2003.
Introdução-123 cliques de imagens	Intro-68 cliques-Intro-39 cliques-intro-25 cliques
Cenário virtual	Cenário virtual
Apenas um jornalista apresentador	Um casal de jovens jornalistas
Música e efeitos sobre as explosões	Sem música mesmo na introdução
Tonalidade menor muito freqüente	As explosões são cheias de impacto
Apenas uma seção de sons diegéticos	Nenhum efeito sobre as explosões
Efeitos emblemáticos (portas batem)	Constantemente sons diegéticos
Música rock, clássica e étnicas	<i>Closed caption</i>
Timbre de cordas muito constantes	Datas dos eventos deslizam na tela
Modo Frigio no recuo dos US soldados	O silencio realça o ritmo das imagens
Melodias orientais e ocidentais	O casal de jornalista se despede do público

Na retrospectiva de fim de ano da emissora ATV de Hong Kong, blocos inteiros de reportagem, tanto da parte internacional como da denominada doméstica ou nacional, estão isenta de acompanhamento musical. Mas, a pausa em música é um elemento rítmico fundamental. Na composição do programa da ATV, as longas pausas entre os blocos funcionam com um sentido rítmico preestabelecido. Uma escolha que pode ter motivações ética ou estética, mas que realça a diferença entre o enredar fisio-psicológico das reações emocionais básicas dos incontáveis *Stimuli* externos e internos. Neste caso, a linguagem televisional se impõe como de uma mídia em constante re-ordenamento em seu círculo de referências. A relação com a

resposta emocional da audiência se concentra no andamento rítmico do programa.

A suposição de que o cinema, a TV e o vídeo convencionais seriam sistemas que recusam o silêncio onde, portanto, um vazio na trilha sonora equivale a um defeito (Armes, 1999: 190) é lugar comum quando se pensa no espaço que as imagens em movimento ocupam na intersecção com as outras mídias. Parte-se da idéia que a hegemonia visualística preenche a maior parte do espaço oferecido nas mídias de tela. Essa afirmação não toca em questões fundamentais que envolvem ritmo, polirritmia e deslocamento constitutivos da composição audiovisual. A manipulação dos elementos extradiegéticos (voz e som) atinge o sentido da audição e provocam os inúmeros *Stimuli* que completam a experiência do ver, o melhor, não apenas completam essa experiência como a (re-) organizam pela incidência rítmico-retórica moldada na montagem da trilha sonora. A voz imprime um caráter retórico que *per se* e já é uma enérgica manipulação do espaço sonoro. Pense-se a narração de uma catástrofe natural, a morte de um papa ou de um evento esportivo. Cada narrador (a) imprime um caráter psicofísico ao programa e o faz modificando o tom da sua voz, mas, sobretudo retocando o fator rítmico de sua fala. O deslocamento rítmico se complicará na inserção da música e efeitos sonoros que, junto a seqüências de cortes das imagens expande o ciclo de ambiência espacial televisional para no mínimo quatro dimensões distintas: 1) Imagens na tela; 2) espaço diegético; 3) espaço extradiegético; 4) espaço receptivo. As intersecções das mídias envolvidas se darão especialmente por combinações rítmicas que moldam e manipulam, de fato, o teor da informação. Não há aqui e, nem é mesmo a questão mais importante, uma hierarquia que se define pela hegemonia de um ou de outra mídia. Uma pausa, um "buraco" na trilha sonora, é um elemento rítmico que enfatiza as seqüências de imagens onde a visualística atua com seus próprios meios. O ritmo dos cortes desses momentos "silenciosos" é também um modo de transmitir as imagens.



Portanto, a retrospectiva da emissora ATV utiliza um intercalar de pausas musicais muito mais longas do que o "Globo Repórter" e este parece ser um elemento musical específico daquela cultura. Assim como, as seqüências sonoras quase ininterruptas da retrospectiva "Ano de guerra" podem ser vistas como uma característica musical inerente ao Brasil. Estamos diante de um mundo de decisões rítmicas interligadas com a concepção e as memórias coletivas de cada núcleo produtor desses programas televisivos. O resultado não é a mera manipulação da narrativa, mas uma aproximação íntima com a percepção do sujeito sócio-cultural, ou melhor, a quarta dimensão que completa este ciclo: A recepção.

All element-processes are rhythmic. In an important sense, the study of rhythm is thus the study of all musical elements, the action of those elements producing the effects of pace, pattern, and grouping which constitute rhythm.¹ (Berry, 1987: 301)

Hegemonia visualística ou musical?

O estudo das imagens chave nas maiores emissoras de TV em quatro países pressupõe que a codificação dessas imagens proporcione uma comparação de seus elementos históricos, socioeconômicos, interculturais e intermediários. E, com isso, possam se examinar as imposições e prevenções de uma hegemonia visual. (Ludes, 2005) As intersecções de mídia apresentam o som, a música e seus compassos chave como um elemento revelador que desloca a importância da identidade imagética para uma seqüência de imagens-som-voz onde o fator rítmico (re-) estabelece uma ordem interpretativa. A manipulação é um elemento importante nesse processo, mas a montagem de diversos padrões rítmicos musicais, transculturais e globais modifica intensamente a proporção sinestésica dos *Stimuli* produzidos. Aqui, a música é fruto de uma hibridação com a voz e as imagens e, por ter caráter de colagem de diferentes estilos e gêneros, se estende por uma nova aptidão de narrar. A narrativa musical é transformada em uma seqüência de partes contrastantes entre si que unem elementos transculturais com uma facilidade impossível de se pensar em relação ao idioma falado. O espaço musical que se cria é global e atinge a audiência mais distinta sem causar-lhe estranhamento. Esse novo discurso musical, assim se diferencia da voz falada que, em seqüências de cronológicos sentidos e esclarecimentos, mesmo que com ênfase retórica e uma acentuação subliminal para moldar opiniões, se desenvolve e narra em um único idioma. A nova chave musical proporciona acessos transculturais de memórias coletivas e se reverte em um veículo multimídia que dispensa traduções, é como se os fatos estivessem sendo narrados em diversos idiomas e ao mesmo tempo não precisassem ser discernidos. Contudo, este corpo rítmico e vibrante da música exclui um entendimento e se configura com supremacia mesmo que seccionado e remontado fora do seu contexto original. A imagem parada do rosto de Saddam Hussein capturado no final da reportagem "Ano de guerra", por exemplo, é redesenhada por uma

¹ Todos os elemento-processos são rítmicos. Em um sentido importante, o estudo do ritmo e o que estuda todos os elementos musicais, a ação de tais elementos produz o efeito de passo, padrões, e agrupamento que constituem o ritmo.

canção de traços árabes que os expectadores de todo o mundo acolheriam sem a necessidade de traduzir para seus padrões estético-musicais. O idioma em português do apresentador, entretanto, não será acessível a todos e se constitui como um elemento peculiar daquela reportagem. Desta forma, parece que o jogo hegemônico se dá mesmo entre as principais mídias envolvidas nos programas de TV, a saber, a rítmica visualística das imagens e o movimento rítmico dos sons. E dentre as disparas seqüências de cortes, (as imagens recebem mais corte que a música) ainda pode-se argumentar que os segmentos rítmicos dos compassos e sua métrica podem ser subdivididos em outras tantas partes significantes e fundamentais à codificação das imagens. Por estarem em movimento, as imagens carregam igualmente os elementos de uma métrica interrompida a cada corte. Assim, como na montagem das músicas provenientes de diferentes contextos e gêneros, as imagens não seguem uma "lógica" seqüência. O deslocamento seqüencial dos cortes encontra na música a mídia ideal para representar o indizível e redesenhar as partes que se omitem na progressão entrecortada. A análise estrutural de uma representação de tela tende a dividir essas mídias no sentido de reordená-las e caracterizá-las em busca de uma hierarquia possível. Mas, assim como a dança e a música são ligadas desde os primórdios e raramente se separam, as imagens das mídias de tela encontram no acompanhamento musical não apenas um parceiro ideal, mas a configuração explícita para manipular e abstrair. A percepção sinestésica da cor do som (timbre) com a cor imaginada e vista pelo espectador seja este musicalizado ou não, é uma sensação que completa a experiência. Geralmente a simbologia musical tem significados que apontam para objetos concretos, alegorias e emoções. Entretanto, uma característica dos símbolos musicais é que estes não funcionam em ordem lógica um para o outro, como por exemplo: idéia, relação e fim, mas mostram um fluir sucessivo onde certos tipos simbólicos se dissolvem em outros. (Boccia, 2000: 313) À procura de ordenar os sentidos dessa dissolução continua na música, numerosos teóricos, filósofos, matemáticos e músicos, entre outros, se debruçaram sobre uma retórica da música e das emoções. Teóricos como: Joachim Burmeister (1606), Johannes Lippius (1612), Joachim Thuringus (1624) refletiram e produziram trabalhos importantes. Athanasius Kircher (1624), principal estudioso da *Affektenlehre* (teoria dos afetos) em seu trabalho gigantesco, *Musurgia universalis* (1650), tenta uma aplicação independente e sistemática desta teoria. Um posicionamento muito especial a este respeito é também tomado pelo filósofo Baruch Espinoza (*Ethik*, 1677, III e IV parte.) No entanto, o que ocorre com as mídias contemporâneas é, na maioria dos casos, não diretamente relacionado ao discurso musical no sentido de uma narrativa independente. Mesmo para as imagens em movimento das mídias de tela não se pode falar de uma "dramaturgia" no sentido clássico do termo. Para uma grande parte dos programas que utilizam o acompanhamento musical, uma nova forma de agrupamento e deslocamento de valores estéticos se apresenta em porções entrecortadas e reordenadas. Decisões rápidas e concretas para uma possível "poética" das imagens e dos sons onde ambas as mídias atuam tecnologicamente *pari passu* com pretensões estéticas originárias de standardizações e desejos globalizantes. Cúmplices nas manipulações mais gritantes e no discurso de convencimento a serviço das maiores emissoras do mundo e da política capitalista, o poder hegemônico das imagens e dos compassos chave se unifica em um único objetivo: A dominação.

Conclusões

Na velocidade com que são processadas as informações globais, não se tem tempo para traduções. As imagens chave resumem vários acontecimentos e a música preenche as lacunas do não dito. Um gigantesco reservatório de estereótipos e standardizações, imagens, compassos e melodias chaves da comunicação multimídia se formou ao longo dos últimos cinquenta anos. Qual o conteúdo dessas mensagens e como isso está sendo mostrado? Nas maiores emissoras de TV do Brasil, USA, Alemanha e China, as mesmas imagens são (re-) apresentadas em noticiários e retrospectivas de fim de ano e, em certos casos, a música é usada para completar a construção dessas novas formas de espetáculo. A sociedade contemporânea representada pelas novas mídias encontra nelas um instrumento de unificação. Apesar das similaridades, cada emissora organiza e compõe as transmissões de maneira diferente. O caso do "Globo Repórter – Ano de guerra" de 26 de dezembro de 2003, uma retrospectiva de fim de ano, pela forma com que utiliza a música no bloco que remete ao início da guerra no Iraque, mostra-se diferente das demais retrospectivas. A análise estrutural de "Ano de guerra" não segue critérios convencionais, procura localizar os motivos dessa hibridação que resulta em um objeto estético e na intenção clara de elicitar os estados afetivos dessa grande parcela de audiência que a rede Globo do Brasil ainda detém em horários "nobres". Muito embora na Alemanha e nos USA, devido à propagação da Internet a audiência televisiva tenha despencado para níveis que alcançam um máximo de 20% para cada emissora, no Brasil e na China a hegemonia das grandes emissoras de TV ainda é um fator importante que ostenta uma diversidade de representações. Na comparação entre o "Globo Repórter – Ano de Guerra" e sua contraparte chinesa da ATV de Hong Kong, a música ou a falta dela se apresentam como o grande diferencial na construção dos dois programas. Muito embora a ATV use a música durante toda a retrospectiva, em alguns blocos do mesmo programa ela é omitida por completo. Aqui se privilegiam os sons diegéticos e a pausa musical que daí advém se torna igualmente um fator rítmico importante na elicitação dos estados afetivos. Contraste evidente com a retrospectiva da rede Globo que, ao contrario, preenche com música e efeitos sonoros todos os espaços possíveis abrindo pouquíssimo o espaço diegético dos fatos reportados. Por fim, a idéia de uma hegemonia das imagens em movimento e da música resulta no conceito de unificação completa a serviço das grandes emissoras e dos interesses políticos de domínio global. Construir tecnologicamente uma mídia unificada e dominante pressupõe que: O poder das diferenças resulte primeiro em hibridações, mas em seguida, na ágil fusão de elementos visualísticos e musicais para uma nova mídia de tecnologia avançada onde imagens, músicas e efeitos sonoros derivarão de grandes e abastados reservatórios disponíveis nas emissoras e na *World Wide Web*.

Bibliografia

ADORNO, Theodor W. *Teoria estética*. Tradução de Artur Maurão, São Paulo: Martins Fontes, 1970.

ADORNO, Theodor, W. EISLER, Hanns. *El cine y la música*. Madrid: Julián Benita, 1981.

ARMES, Roy. *On video*. São Paulo: Summus editorial, 1999.

BARBERO, J. Martín. REY, Germán. *Os exercícios do ver*. São Paulo: Senac, 2001.

BENSE, Max. *Pequena estética*. São Paulo: Perspectiva, 2003.

BERRY, Wallace. *Structural function in music*. New York: Dover publications, 1987.

BOCCIA, Leonardo V. *Grafia musical occidental. Símbolos, interpretação e perspectivas tecnológicas*. In *Temas em contemporaneidade, imaginário e teatralidade*. São Paulo: Annablume, 2000.

BOCCIA, Leonardo V. *Key Measures*. In *Over the Waves music in-and broadcasting*. International conference: Hamilton, Ontario Canada: 2005. <http://www.humanities.mcmaster.ca/~admv/overthewaves/>

BRIGGS, Asa. BURKE, Peter. *Uma história social da mídia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

CANCLINI, Nestor Garcia. *Culturas híbridas*. São Paulo: Edusp, 2003.

CANO, Cristina. *La musica nel cinema – Musica immagine, racconto*. Roma: Gremese editore, 2002.

DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

ECO, Umberto. *Obra aberta*. São Paulo: Perspectiva, 1971.

GALLARATI, Paolo. *La forza delle parole*. Torino: Einaudi, 1993.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GUINSBURG, Jacó. *De cena em cena*. São Paulo: Perspectiva, 2001.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na Pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HUIZINGA, Johan. *Homo ludens*. São Paulo: Perspectiva, 1996.

JUNG, Carl Gustav. *Aspectos do drama contemporâneo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1988.

- KRACAUER, Siegfried. *De Caligari a Hitler. Uma história psicológica do cinema alemão*. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.
- LUDES, Peter. *DVD-ROM World Symbols- An Introduction to international media communication*. Bremen: IUB, 2004.
- LUDES, Peter. *Key visuals*. Bremen: IUB, 2004.
- MARLEAU-PONTY, Maurice. *Senso e non senso. Percezione e significato della realtà*. Milano: Il saggiatore, 2004.
- MAURO, Walter. *Il musical americano – da Broadway a Hollywood*. Roma: Newton & Campton Editori, 1997.
- MCLUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. São Paulo: Cultrix, 2003.
- MENEZES, Flo. *A acústica musical em palavras e sons*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2003.
- MIRANDA, Danilo Santos de (Org.). *Ética e cultura*. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- NIETZSCHE, Friedrich. *O nascimento da tragédia*. São Paulo: Companhia das letras, 1999.
- NÖTH, Winfried. *A Semiótica no século XX*. São Paulo: ANNABLUME, 1996.
- PAVIS, Patrice. *A análise dos espetáculos*. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- SODRÉ, Muniz e PAIVA, Raquel. *O império do grotesco*. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.
- SANTAELLA, Lucia. *Culturas e artes do pós-humano*. São Paulo: Paulus, 2003.
- SILVEIRA, Walter da. *Fronteiras do cinema*. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1966.
- SONTAG, Susan. *Sobre fotografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- THOMPSON, John, B. *A mídia e a modernidade*. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.
- WILLIAMS, Raymond. *Tragédia moderna*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.
- ZUCKERKANDL, Victor. *Sound and symbol*. London: Routledge & Kegan Paul, 1956.